

TRADUÇÃO AO ESPANHOL DE UMA CRÔNICA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: UM COMPROMISSO ENTRE A NATURALIZAÇÃO E A EXOTIZAÇÃO

TRANSLATION INTO SPANISH OF A CHRONICLE BY JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: A COMPROMISE BETWEEN NATURALIZATION AND EXOTICIZATION

Andréa Cesco¹
Luzia Antonelli Pivetta²

RESUMO

*Este artigo apresenta a tradução inédita – do português ao espanhol – de uma das crônicas da escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), presente na obra *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida* (2016), organizado por Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro, e que traz quarenta crônicas da autora, escritas entre os anos de 1908 e 1912, no Jornal *O Paiz*. Os temas abordados na crônica traduzida expõem realidades que envolvem o cotidiano carioca, uma vez que a escritora buscava explorar as condições sociais do Brasil, destacando-se pela crítica ao atraso social, ao patriarcado e às injustiças de gênero, temas que também dialogam com o ideal positivista de um progresso baseado em transformações sociais racionais. O estudo tem como objetivo explorar duas estratégias no processo tradutório: a naturalização e a exotização, propondo no texto-alvo um compromisso entre ambas (Torres, 2014). Para isso, expõe o contexto sócio-histórico-cultural da escritora (Coutinho, 2004), discorre sobre os aspectos estéticos que envolvem a crônica brasileira desse período (Candido et al., 1992; Coutinho, 2004) e, por último, analisa a questão da naturalização (Franco Aixelá, 2013) e da exotização (Cesco; Torres, 2023) no processo de tradução comentada apontando e justificando as escolhas realizadas, para que se mantivesse um equilíbrio entre uma estratégia e outra.*

Palavras-chave: *Tradução literária; Língua espanhola; Naturalização e Exotização.*

ABSTRACT

*This article presents the unpublished translation – from Portuguese to Spanish – of one of the chronicles by Brazilian writer Júlia Lopes de Almeida (1862–1934), featured in the book *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida* (2016), edited by Angela di Stasio, Anna Faedrich, and Marcus Venicio Ribeiro, which includes forty chronicles by the author, written between 1908 and 1912, in the newspaper *O Paiz*. The themes addressed in the translated chronicle expose realities involving everyday life in Rio de Janeiro, as the*

¹ Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<https://orcid.org/0000-0002-4708-186X>. Bolsista de pós-doutorado no exterior - CNPq (Edital Projetos Int. 2023).

² Doutoranda em Estudos da Tradução PGET/UFSC. <https://orcid.org/0003-4283-5295>. Bolsista CAPES/PROEX.

writer sought to explore the social conditions in Brazil, standing out for her criticism of social backwardness, patriarchy, and gender injustices, themes that also dialogue with the positivist ideal of progress based on rational social transformations. The study aims to explore two strategies in the translation process: naturalization and exoticization, proposing a compromise between the two in the target text (Torres, 2014). To this end, it exposes the socio-historical-cultural context of the writer (Coutinho, 2004), discusses the aesthetic aspects involving Brazilian chronicles of that period (Candido et al., 1992; Coutinho, 2004) and, finally, analyzes the issue of naturalization (Franco Aixelá, 2013) and exoticization (Cesco; Torres, 2023) in the commented translation process, pointing out and justifying the choices made in order to maintain a balance between one strategy and the other.

Keywords: *Literary translation; Spanish language; Naturalization and Exoticization.*

1. INTRODUÇÃO

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), nome importante para a literatura brasileira, destacou-se na escrita de literatura infantil, crônicas, romances, peças de teatro, obras didáticas e textos para jornal (que discorrem, principalmente, sobre os direitos civis, a abolição e a República), “ambiente intelectual e literário eminentemente masculino” (Faedrich e Stasio, 2016, p. 10). Integrou o grupo de escritores e intelectuais que engendrou a criação da Academia Brasileira de Letras (ABL). No entanto,

cabe salientar que, durante o período de criação da ABL, o nome de Júlia Lopes de Almeida foi cogitado, por Lúcio de Mendonça, para compor seu quadro de membros fundadores. A sugestão foi negada, sob a alegação de que à agremiação nascente caberia seguir os passos da congênere francesa, a *Académie Française de Lettres*, cujo Regulamento restringia a candidatura aos indivíduos do sexo masculino (Fanini, 2010, nota de rodapé 5).

A obra da escritora, por muito tempo, parece ter seguido o destino de muitas outras mulheres, que também foram ignoradas e levadas ao esquecimento. E esse apagamento de autoras do sexo feminino na história literária, não só da brasileira como também da mundial, precisa ser corrigido.

[...] a revisão do cânone tem recuperado o papel e a importância das obras literárias de mulheres que ficaram à sombra da enviesada historiografia literária brasileira. Embora as mulheres tenham desempenhado papel relevante na produção daquele período, deve-se ressaltar que não era sem obstáculos e dificuldades (Faedrich e Stasio, 2016, p. 9).

Aos 19 anos, apesar de estar em uma sociedade que não via a atividade literária como algo apropriado às mulheres, publica, na *Gazeta de Campinas*, seus primeiros textos e, aos 22 anos passa a escrever para *O Paiz* – jornal carioca, republicano e abolicionista –, na coluna semanal “Dois dedos de prosa”, no qual permanece por mais de 30 anos. Aos 24 anos, muda-se para Lisboa, onde, em parceria com sua irmã, Adelina Lopes Vieira, lança *Contos Infantis* (1886), textos em verso e prosa, e outro livro de contos, *Traços e iluminuras* (1887). Escreve para a revista *A Semana*, editada pelo que virá a ser o seu marido, o poeta português

Filinto de Almeida, com quem tem três filhos – Afonso, Albano e Margarida –, todos escritores. Em 1888 retorna ao Brasil e finaliza *Memórias de Marta*, seu primeiro romance.

A família Medeiros foi publicada em 1892; em 1897, *A viúva Simões*; em 1901, *A falência*; em 1908, *A intrusa*; em 1911, *Cruel amor*; em 1913, *Correio da roça*³; em 1914, *A Silveirinha*; em 1934 (edição póstuma), *Pássaro tonto* e *O funil do diabo* (s/d). Em 1932, em parceria com o seu marido Filinto de Almeida, *A casa verde*.

Ao publicar-se o romance *Correio da Roça* (lançado em livro no ano de 1913, depois de divulgado em folhetins), a escritora encontra-se no auge da popularidade; mesmo viagens rotineiras – como sua visita a Campinas, em 1912 – assumem caráter de consagração pública. Acumulam-se ainda evidências de que seu prestígio extrapola os limites da comunidade lusófona: em 16 de fevereiro de 1914 registra-se uma apoteótica recepção a ela oferecida em Paris, num banquete para o qual, a pretexto de apresentarem-na “ao mundo intelectual francês”, foram convidadas 400 pessoas (De Luca, 1999, p. 287).

E, mais adiante, em setembro de 1915, no Rio de Janeiro, em comemoração ao seu 53º aniversário, “é a vez dos brasileiros homenagearem nossa única representante do gênero feminino capaz de ombrear-se com o incensadíssimo Coelho Neto (1864-1934)” (De Luca, p. 287).

A escritora também escreveu manuais, no papel de dona Júlia, direcionados às mulheres, como o *Livro das noivas* (1986), para as inexperientes jovens que se casariam; e o *Livro das donas e donzelas* (1906), dirigido às mães e esposas (Faedrich e Stasio, 2016).

Além de publicar romances e contos, também foi considerada jornalista. É possível encontrar seus textos em veículos de grande circulação da época, como *O Quinze de Novembro*, *Kosmos*, *O Paiz*, *A Gazeta de Notícias*, *A Semana*, etc. Dentre os seus escritos, destacam-se uma grande quantidade de crônicas divulgadas em jornais pertencentes ao período, a exemplo da que foi objeto deste estudo. Esse gênero literário teve um papel fundamental ao dar ênfase às questões sociais, políticas e históricas que faziam parte do cotidiano carioca, neste caso do início do séc. XX, revelando um pouco sobre as discussões que pairavam no dia a dia dos cidadãos do Rio de Janeiro, assuntos contemporâneos que, ao serem abordados sob um viés pessoal, sob o olhar da escritora, ganham uma nova roupagem que, além de entreter, levam o leitor a refletir sobre essas situações.

Para a transposição da crônica de uma língua a outra, “o autor passa a ser, portanto, mais um elemento que utilizamos para construir uma interpretação coerente do texto” (Arrojo, 2017, p. 40), daí a importância de compreender o contexto do qual fazia parte Júlia Lopes de Almeida, bem como sua biografia, apresentada de forma resumida acima.

A crônica, aqui traduzida e comentada, está presente no livro *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*, que traz quarenta crônicas da autora, escritas entre os anos de 1908 e 1912, no Jornal *O Paiz*. O livro é organizado por Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro – coleção Cadernos da Biblioteca Nacional – e foi publicado em 2016. “Os ‘dois dedos de prosa’ de Júlia funcionaram como espaço de reclamação dos interesses de município [...] retratavam o cotidiano do início das primeiras décadas do século XX [...] também se dedicam à crítica literária e artística” (Faedrich e Stasio, 2016, p. 16-18).

³ Período que antecede à Primeira Guerra Mundial.

Datada de 24 de janeiro de 1911, a crônica selecionada trata de três temas, estes que motivaram a escolha. O primeiro, de forma bem-humorada, divertida e, por vezes até irônica, menciona sobre os roubos ocasionados por ladrões sorrateiros, nos meses de fevereiro e março, propiciados pelo calor quando portas e janelas permanecem abertas: “Em Santa Teresa podem andar a passo, ir de um arrombamento a outro arrombamento sem sustos, nem precipitações, na doce certeza de que não esbarrarão no caminho nem sequer com a sombra de uma sombra de polícia [...]” (Almeida, 2016, p. 173). O segundo, demonstrando preocupação com as questões educacionais, através do seu olhar bastante severo e crítico, desaprova o fechamento de escolas pelo “sr. prefeito”.

Ora, se há num país de analfabetos, como ainda é o nosso, despesas que se não devem suprimir, são as despesas feitas com a instrução popular. É melhor pôr livros nas mãos das crianças e dos adultos e elucidá-los por meio de mestras bem educadas, do que ter de sustentá-los mais tarde em correções e em hospícios, ou sofrer vexames por atos de que só a sua ignorância é culpada (Almeida, 2016, p. 176).

E o terceiro comenta, de maneira sucinta e personificada, sobre as expectativas e as incertezas a respeito do que irá acontecer com o Morro de Santo Antônio, “só ele, o mísero, assistirá, sujo e trevoso, inculto e selvagem, à alegria e à limpeza dos outros que o cercam por todos os lados, bem no centro da capital [...]” (Almeida, 2016, p. 178). Seu desmonte data de 1920, mas já no começo do séc. XX vários locais da cidade carioca passavam por modificações, o que certamente gerava dúvidas entre os municíipes, pois se tratava de um ciclo de grandes obras no Rio de Janeiro, que incluíram a demolição de morros, o aterro de lagoas e o arrasamento de ruas⁴.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar uma tradução comentada da crônica mencionada, destacando trechos por meio dos quais é possível discutir sobre as estratégias de exotização e naturalização presentes nas escolhas tradutórias e apontar um caminho de equilíbrio entre as duas. Para isso, uma vez introduzidas a autora e a crônica explana-se acerca do contexto sócio-histórico-cultural da escritora, Júlia Lopes de Almeida, para compreender melhor o espaço-tempo que ela ocupava, além da sua crítica à época; após, o gênero crônica brasileira é abordado, levando em conta as questões estéticas presentes naquele momento; em seguida, discorre-se sobre o processo tradutório envolvido, por meio de cinco fragmentos dos textos-fonte e alvo que exploram a toponímia, a animalização do ser humano e o uso de repetições e de um provérbio, nos quais são destacadas as questões teóricas sobre naturalizar e exotizar e justificadas as escolhas de tradução que mantém o compromisso entre as duas estratégias mencionadas. Como anexo, ao final deste artigo, encontra-se a crônica em português do Brasil e sua tradução ao espanhol, na íntegra.

2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: A CRÍTICA

O contexto sócio-histórico-cultural da escritora, compreendido entre o final do século XIX e início do XX, foi marcado por profundas transformações, que abarcam, mundialmente,

⁴ Informações e registros fotográficos podem ser encontrados na Série “O Rio de Janeiro desaparecido” VII – O Morro de Santo Antônio na Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=13719> Acesso em 16 nov. 2024.

a Primeira Guerra Mundial (1914), e, no Brasil, a abolição da escravatura (1888), a Proclamação da República (1889) e o início do processo de modernização do país. Almeida presenciou o começo de uma nova organização social e política que trouxe debates sobre o fim das estruturas aristocráticas e a construção de uma identidade nacional. Escritores e intelectuais da época procuravam representar e analisar as transformações sociais e a busca por modernidade no Brasil. Nesse cenário, Júlia Lopes de Almeida destacou-se não só como escritora, mas também como uma ativa participante nos debates socioculturais do período, especialmente aqueles relacionados aos direitos das mulheres.

Na segunda metade do século XIX, os elementos sociais, econômicos e políticos que constituíam o arcabouço da civilização brasileira, a própria estrutura da sociedade, sofriam franca e radical transformação. De uma sociedade agrária, latifundiária, escravocrata, aristocrática, passava-se para uma civilização burguesa e urbana, fase preparatória da industrialização, mas já formadora de um marginalismo populacional, senão de um pequeno proletariado urbano (Coutinho, 2004, p. 17).

As mulheres eram, em grande medida, excluídas da esfera pública e limitadas a papéis domésticos. Almeida, no entanto, desafiou as convenções ao tornar-se uma das primeiras mulheres a viver de sua escrita, abordando temas como a educação feminina, a igualdade de gênero, a luta contra o preconceito racial e a defesa de uma sociedade mais justa. João do Rio, em *O momento literário* (1908?), comenta que

as suas idéas modestas e sem espalhafato, a sua sensibilidade sem extravagâncias souberam tocar o público. A colaboração da Sra. D. Julia nos jornaes aumenta a edição dos mesmos. Que importa á D. Julia um critico, dois criticos, tres, uma duzia mesmo contra ella? A sua marca é boa, é vendavel; e como acontece a outros productos, os proprios criticos, forçados pela corrente, fazem-lhes o reclamo com o instineto, aliás muito humano, que tem todas a gente de acclamar os que a multidão acclama (Rio, 1908?, p. 325. Manteve-se a escrita do texto, à época)

Júlia Lopes de Almeida, literariamente, fez parte do movimento Realista-Naturalista, que buscava retratar a sociedade de forma crítica e próxima da realidade. Mesmo sendo contemporânea de autores como Machado de Assis e Aluísio Azevedo, foi excluída, conforme já mencionado, da Academia Brasileira de Letras por ser mulher, apesar de seu trabalho ser amplamente respeitado e admirado. Suas obras foram publicadas em jornais e revistas, por meio dos quais sua voz abordava questões importantes para a sociedade, como a moralidade burguesa e a condição feminina, além de temas nacionais.

Alguns críticos da época destacaram o talento de Almeida para retratar com realismo e sutileza a vida urbana e as questões sociais, como o papel da mulher e as pressões sociais sobre a família e o casamento. No entanto, houve também críticas que minimizavam sua obra, refletindo um olhar conservador e preconceituoso em relação a temas voltados ao universo feminino e doméstico, os quais ela abordou com profundidade e sensibilidade. Muitos literatos do período não reconheciam a literatura feminina com o mesmo valor das obras masculinas, relegando-a a um papel secundário: “as maiores escritoras foram e hão de ser sempre inferiores a um literato mediocre” (Osório Duque Estrada, 1893, *apud* Salomoni, 2005, p. 88). Salomoni, com relação ao apagamento de mulheres escritoras, também vai

afirmar que na primeira edição da *História da Literatura Brasileira* (1916), de José Veríssimo,

não há vestígio de qualquer escritora ou poeta ou teatróloga. Fator estranho, pois ele convivia com Júlia Lopes nas redações dos jornais, certamente frequentava as conferências pagas, onde toda a elite comparecia e onde ela tinha público cativo e algumas outras poucas mulheres também se apresentavam (Salomoni, 2005, p. 88-89).

Muzart (2003) afirma que Júlia Lopes de Almeida está entre as escritoras reverenciadas e respeitadas à época. No entanto, em sua opinião, ela “não foi uma feminista militante, embora em sua obra, nas entrelinhas, haja muita idéia ‘forte’ escondida” (Muzart, 2003, p. 228). Contudo, na visão de Gabriela Trevisan (2018),

seu engajamento em causas feministas era notório, dialogando com outras escritoras, como Josephina Álvares de Azevedo, e militantes de renome, como Bertha Lutz, em especial na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, grupo do qual também fez parte. As críticas à cultura patriarcal na virada dos séculos XIX e XX estavam latentes em suas obras, abordando os temas do casamento, da maternidade, da violência contra as mulheres e das mudanças no mundo urbano⁵.

Com relação ao Positivismo⁶ Almeida, em seus escritos, não adota abertamente esta corrente filosófica, mas há traços de influência em seu pensamento e em temas que aborda, como o papel da ciência e da educação na evolução da sociedade. Isso não significa, segundo De Luca (1999, p. 298), que “Júlia Lopes tenha assimilado passivamente essa sincrética ideologia: ela demonstra, pelo contrário, ter se esforçado para viver em sintonia com a vanguarda das correntes do pensamento social em voga”. A escritora buscava explorar as condições sociais do Brasil, destacando-se pela crítica ao atraso social, ao patriarcado e às injustiças de gênero, temas que também dialogam com o ideal positivista de um progresso baseado em transformações sociais racionais. Contudo, a autora “não se resignou a adaptar-se à situação que lhe era dada pelo contexto histórico-social em que vivia, atuando firme e tenazmente no sentido de modificar esta situação” (De Luca, 1999, p. 280), uma vez que era conhecida por seu tom mais humanista e emocional, o qual ia além da rigidez científica típica do positivismo.

3. A CRÔNICA BRASILEIRA: QUESTÕES ESTÉTICAS DO PERÍODO

A palavra crônica deriva de sua etimologia grega *kronos*, que significa tempo, daí sua associação à ordem cronológica dos acontecimentos. Na maioria das definições, mesmo em outros idiomas, é possível observar sempre essa relação com a ordem dos tempos, o que em certos períodos deu ao gênero até um caráter de relato histórico.

⁵ Haos. Horizonte ao Sul. 20 de set de 2018. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2018/09/13/os-porcos-e-a-escrita-feminista-de-julia-lopes-de-almeida> Acesso em 10 nov 2024.

⁶ Trazido ao Brasil por pensadores como Auguste Comte e popularizado pelos movimentos republicanos, defendia o progresso científico e social a partir de uma visão racional e objetiva da realidade. Essa filosofia exerceu grande influência nas elites intelectuais e políticas brasileiras, promovendo ideias de ordem e progresso.

Em português, a partir do séc. XIX, a palavra passa a ser definida de outra maneira, ligada ao jornalismo, um gênero específico, semanal, que comentava sobre assuntos relevantes, mas cotidianos, e, inicialmente chamada de folhetim:

a propósito das publicações periódicas, convém lembrar que nesse período foi muito cultivado o gênero meio jornalístico, a princípio denominado folhetim, depois crônica. Ele consiste no tratamento breve e acessível dos fatos diários, de temas ligados aos costumes, às artes, à política, geralmente do ângulo das impressões pessoais (Candido; Castello, 1976, p. 93).

Embora no início fosse ela nomeada como folhetim, pois se tratava de “um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais, artísticas, literárias” (Candido, 1992, p. 15), aos poucos, passa a chamar-se crônica, ficando o termo folhetim relegado ao local em que era publicada. Posteriormente, conforme afirma Coutinho (2004, p. 121) “o uso da palavra para indicar relato ou comentário dos fatos em pequena seção de jornais acabou por estender-se à definição da própria seção e do tipo de literatura que nela se produzia” algo fomentado pela modernização da imprensa brasileira, a qual ao aumentar o número de páginas das edições, transforma a crônica em matéria cotidiana cujo objetivo era o de entreter, apresentando de maneira suave os acontecimentos da semana.

No caso da crônica que foi traduzida, publicada no Jornal *O Paiz* em 24 de janeiro de 1911, o espaço a que se destina, ocupa a primeira página do periódico, na seção “Dois dedos de prosa”, exemplificando o que expôs Coutinho (2004) referente ao gênero definir a própria seção e o que se produzia nela. Já o folhetim, naquela edição aparece ao pé da página 15, no qual apresenta a quarta parte do romance histórico *Rainha e Mendiga* de Antonio Contreras na versão de Cesar da Silva, sendo possível observar que ambos, nessa época, já se diferenciavam em suas denominações.

Dentre as características da crônica brasileira elencadas por Coutinho (2004) ressalta-se que, diferente do jornalismo, o fato é um pretexto, um meio, não uma finalidade; deve existir um tom comunicativo, de conversa, entre o cronista e o leitor, além do espírito de independência, o qual permite ao escritor expor suas opiniões, mesmo que estas não estejam de acordo com as do veículo que o está publicando. É bastante pessoal, expressa uma reação individual ante às questões da vida cotidiana e como diria Candido (1992, p. 13) “elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”.

Sobre as questões estéticas que permeiam o surgimento da crônica no Brasil, percebe-se, até pelo período em que ela vai ganhando sua forma abrasileirada, um flerte realista-naturalista, já que parte da representação objetiva e atenta dos fatos do cotidiano, tais quais são, sem idealizações, além de imprimir críticas às hipocrisias da moralidade burguesa. Segundo Coutinho,

o Realismo retrata a vida contemporânea. Sua preocupação é com homens e mulheres, emoções e temperamentos, sucessos e fracassos da vida do momento. Esse senso do contemporâneo é essencial ao temperamento realista, do mesmo modo que o romântico se volta para o passado ou para o futuro. Ele encara o presente, nas minas, nos cortiços, nas cidades, nas fábricas, na política, nos negócios, nas relações conjugais, etc. Qualquer motivo de conflito do homem com seu ambiente ou circunstâncias é assunto para o realista (Coutinho, 2004, p. 10).

A vida que está localizada no tempo presente é também objeto da crônica, pois, o cronista ao trazer fatos cotidianos como pretextos para suas produções, dando-lhes uma roupagem literária, a partir de suas faculdades inventivas, seu estilo etc. passa a inseri-la nessa estética que “procura atingir a beleza sob os disfarces do comum e do familiar, no ambiente local e na cena contemporânea” (Coutinho, 2004, p. 10).

E no caso da crônica carioca, no século XIX, esta teve um papel essencial na construção da identidade cultural do Rio de Janeiro e do Brasil. Através de uma linguagem coloquial e acessível, os textos descreviam cenas do cotidiano, abordavam costumes, e faziam comentários sociais e políticos. Com isso, capturavam e refletiam o espírito do tempo, tratando de temas como: a vida urbana e o desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro; a modernização e os problemas da urbe, como a falta de infraestrutura e os hábitos das camadas sociais; questões políticas do Império, como a escravidão e a transição para o regime republicano; além de modismos, festas populares, comportamentos e as particularidades da vida social.

Dentre os temas cotidianos mencionados, a crônica, objeto deste artigo, comenta sobre os incômodos causados pelos ladrões na época mais quente do ano, o fechamento de uma escola e as expectativas em relação ao futuro do Morro de Santo Antônio, assuntos que certamente ocupavam o dia a dia dos cariocas. No fragmento exemplificado a seguir, percebe-se uma das questões apontadas.

Pelas imediações do Carnaval, antes, a fim de arranjar dinheiro para as folganças; depois, para equilibrarem os seus orçamentos desfalcados, os senhores **gatunos** redobram de atividade. Os **galinheiros** tremem. Não há Chantecler capaz de defender sua **amada faisã ou pintade** das garras sujas desses patifes. Os **gansos** perdem a voz, na comoção do espanto, e os próprios **cães de fila** murcham os corpos de encontro aos muros, com o terror de serem percebidos (Almeida, 2016, p. 173-174, grifos nossos).

Ou seja, verifica-se o realce do lado mais animalesco do homem, bem como a zoomorfização, presente na estética naturalista, atribuindo comparativamente características de animais que os identificam e igualam aos seres humanos, não só aos que não têm nobreza de caráter como também aos que são considerados medrosos e tolos para enfrentar os ladrões, não importando se estes são corpulentos e robustos ou se são franzinos e delicados.

Sendo assim, a crônica carioca do século XIX não apenas documentou a vida urbana do Rio de Janeiro, mas também contribuiu para a formação de um gênero literário que se tornaria primordial na literatura. “Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias” (Candido, 1992, p. 16), por seu tom acessível e muitas vezes cômico, aproximou-se dos leitores de todas as classes, ajudando a criar uma identidade cultural e uma tradição de literatura brasileira que ressoava com a realidade do país.

4. O PROCESSO DE TRADUÇÃO AO ESPANHOL: UM COMPROMISSO ENTRE A NATURALIZAÇÃO E A EXOTIZAÇÃO

O processo de tradução de um texto literário costuma ser marcado por estratégias muitas vezes delimitadas pelas escolhas do tradutor, as quais podem ser motivadas por questões mercadológicas – uma vez que as editoras buscam, ainda, que o tradutor permaneça

na invisibilidade (Venuti, 1995) – e ideológicas, cujo texto seja, para o leitor, fluente e livre de percalços, por meio de uma tradução mais “domesticadora”. Ou ainda “estrangeirizadora” (Venuti, 2002), na qual o tradutor mantém as estranhezas (estrangeirismos) do texto ou mesmo as questões estéticas presentes na língua de partida, dando ao leitor a oportunidade de entabular um contato com a cultura estrangeira, porque, ao “establecer una relación interactiva entre las culturas, el traductor perpetuará la tradición o la transgredirá” (Cesco; Torres, 2023, p. 54). As decisões em relação ao que manter da cultura de partida e o que modificar na cultura de chegada, explicitam o que Torres (2014) menciona sobre toda tradução ser um ato antropofágico, pois pode ser “naturalizada ou mais naturalizada (o que chamamos de ‘antropofagia etnocêntrica’); exotizada ou mais exotizada (o que chamamos de ‘antropofagia inovadora’); ou um compromisso entre naturalização e exotização (o que chamamos de ‘antropofagia intercultural’)” (Torres, 2014, p. 36-37).

Torres (2014) ainda comenta que os termos exotização e naturalização são fornecidos por Kitty Van Leuven-Zwart em dois artigos publicados na revista *TARGET* (1989), nos quais a autora explica que quando em um texto traduzido os costumes, tradições, lugares, personagens são adaptados à cultura de chegada, tem-se a naturalização e quando elementos de cultura específicos são mantidos, sejam informações sobre o país, características sociais ou culturais do texto-fonte, tem-se a exotização. Franco Aixelá (2013), ao falar sobre a tradução de itens culturais específicos, também explicita que a naturalização ocorre quando “o tradutor decide trazer o ICE para o corpus intertextual, visto como específico pela cultura da língua alvo” (Franco Aixelá, 2013, p. 200). E Berman (2013) trazia o termo exotização como uma maneira de conservar os vernaculares, ou seja, manter as palavras ou expressões específicas de cada cultura no texto-alvo, sem apagá-las, e para isso, o tradutor poderia utilizar-se de um “procedimento tipográfico (os itálicos), isolando o que não o é no original” (Berman, 2013, p. 82), dessa forma, destacando algo que no texto-fonte não estaria destacado, daí a ideia do exótico, explicando-o posteriormente.

Naturalizar e exotizar, como estratégias tradutórias, remetem também ao que Venuti (1995) considerava como domesticação e estrangeirização, mencionado acima e à ideia antiga já proposta por Schleiermacher (2010 [1813]), na qual ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele ou deixa o leitor em paz e traz o autor até ele. No entanto, o que se pode afirmar é que

en todas las lenguas-culturas hay exotización y naturalización. El hecho de que haya uno u otro dependerá de la naturaleza del texto que se traduce, del proyecto del traductor y de la ideología del traductor, que consideramos como el conjunto de ideas unidas y orientadas a la acción política (Cesco; Torres, 2023, p. 49).

Como já exposto, a crônica traduzida data de 24 de janeiro de 1911 e foi publicada no Jornal *O Paiz*. Embora marcada por um período histórico específico, início do século XX, dois dos assuntos abordados: a questão dos roubos que acontecem no Rio de Janeiro e se intensificam nos meses de fevereiro e março e o fechamento de uma escola acabam por não a delimitar em um espaço-tempo fixo, já que são fatos que poderiam ocorrer em qualquer época e em qualquer lugar. Porém, as incertezas e expectativas a respeito do futuro do Morro de Santo Antônio já se torna um tema a ser analisado.

Sendo assim, levando em consideração as características de uma crônica, e, no caso desta, que trata sobre o Rio de Janeiro, dentre os pontos a serem observados em uma tradução, destaca-se a localização geográfica: um estado da região sudeste brasileira, cujas

características climáticas implicam em calor intenso, principalmente nos meses de fevereiro e março. Ao pensarmos sua tradução do português ao espanhol, se tivermos como cultura receptora a própria Espanha, na qual esses meses são de inverno e início de primavera, será importante manter o topônimo do qual se está falando na cultura de partida, pois, não podemos esquecer que ele guarda uma história e é carregado de sentidos sócio-histórico-culturais. Assim, optou-se por deixar, tal qual aparecem no texto-fonte, “Rio de Janeiro” bem como os nomes dos bairros que são citados: “Santa Teresa”, “Estácio de Sá” e “Engenho Velho”, além do “Morro de Santo Antônio”, este, diferente dos bairros que permanecem até hoje, já não existe mais, foi demolido, assim como outros morros durante um ciclo de grandes obras no Rio de Janeiro, iniciado no séc. XX. Preservar essa memória também é papel da tradução, dessa forma, “el traductor, desde un punto de vista exotizante, puede brindarle al lector del texto traducido la posibilidad de acercarse al otro al dar visibilidad a ese otro, de modo textual e ideológico” (Cesco; Torres, 2023, p. 52).

Considera-se, portanto, essa estratégia exotizante, cujo fim é não desatar os potentes vínculos com a geografia, a história e a arqueologia, uma vez que os topônimos são vistos como elementos culturais importantes a serem preservados na língua (nesse caso a espanhola) e na cultura de chegada, pois não se quer que “os valores culturais do primeiro espaço” – do português – sejam “apagados e cobertos pelas inscrições importadas” (Anaya; Cesco; Bezerra, 2015, p. 583) – do espanhol. Rónai (1976), ao tratar da tradução dos topônimos, já enfatizava os desafios contidos, por exemplo, nos seus simbolismos inferidos:

outra categoria aparentemente neutra e na verdade carregada de significados explosivos é a dos topônimos. Rio de Janeiro significa uma coisa para o carioca que nele vive e trabalha, outra para o paulista que aí vem passar as suas férias, outras para o europeu que condensa nesse nome o seu sonho exótico. Mesmo os logradouros de uma cidade – Copacabana, Lapa, Wall Street, Avenue des Champs Elysées [...] – acabaram condensando, no decorrer dos tempos, um complexo de conotações que reclamaria dezenas de páginas para ser analisado (Rónai, 1976, p. 29).

No quadro 1 – que apresenta à esquerda o texto-fonte, em português, e à direita o texto-alvo, em espanhol – retoma-se a questão abordada na seção 3, da animalização do ser humano (zoomorfismo), como um recurso estilístico, em suas atitudes e comportamentos, com características comparativas próprias que os aproximam.

Quadro 1: animalização do ser humano

<p>Os senhores gatunos não são tolos; procuram na quadra mais asfixiante o ar fresco da montanha para poderem operar à vontade. [...]</p>	<p>Los señores rateros no son tontos; buscan en la manzana más agobiante el aire fresco de la montaña para poder operar a gusto. [...]</p>
<p>Pelas imediações do Carnaval, antes, a fim de arranjar dinheiro para as folganças; depois, para equilibrarem os seus orçamentos desfalcados, os senhores gatunos redobram de atividade. Os galinheiros tremem. Não há Chantecler</p>	<p>Por los alrededores del Carnaval, antes, para recaudar dinero para las holgazanerías; después, para equilibrar sus mermados presupuestos, los señores rateros redoblan de actividad. Los gallineros tiemblan. No hay Chantecler capaz de defender a su querida faisana o pintada de las garras</p>

<p>capaz de defender sua amada faisã ou pintade das garras sujas desses patifes. Os gansos perdem a voz, na comoção do espanto, e os próprios cães de fila murcham os corpos de encontro aos muros, com o terror de serem percebidos. (Almeida, 2016, p. 173-174, grifos nossos)</p>	<p>sucias de estos canallas. Los gansos pierden la voz en la conmoción del espanto, y los propios perros mastines se marchitan los cuerpos contra los muros, aterrorizados de ser vislumbrados.</p>
--	---

Fonte: as autoras.

Neste primeiro fragmento mencionado, os comentários são iniciados pelas aves, depois passam aos cães de fila, para finalizarem com os protagonistas principais, os senhores gatunos, que fazem os galinheiros tremerem, uma vez que a ave é uma das presas do gato/ladrão. Só lembrando que aqui a linguagem figurada é aplicada para dar mais expressividade e peso à narrativa da crônica, agregando novos e diferentes significados e características, nos quais humanos e animais estão imbricados. Porém, como pode-se perceber no trecho, os animais/homens, que possuem normalmente traços poderosos e imperantes, demonstram, contrariamente, fragilidade e temor frente aos gatunos/ladrões.

A autora da crônica afirma, ironicamente, que “Não há Chantecler capaz de defender sua amada faisã ou pintade das garras sujas desses patifes”, ou seja, não há galo (aqui representando o homem, o galã, o namorado/amante, orgulhoso e varonil) que consiga defender a sua namorada/amante dos gatunos/ladrões, fazendo referência à peça de teatro de Edmond Rostand (1868-1918), a qual estreou em 7 de fevereiro de 1910 no Théâtre de la Porte Saint-Martin, em Paris. Nela todos os personagens são animais de fazenda, incluindo o protagonista principal, o galo orgulhoso e megalomaníaco (Chantecler). Na nossa tradução ao espanhol – com base em um texto crítico que trata dos quatro atos da peça e que, também, menciona a tradução, do francês ao espanhol, em uma nota de rodapé⁷ – mantivemos *Chantecler, faisana e pintada* para não perder o referencial, já que foram usados na tradução mencionada. No entanto, para “pintade”, anteriormente havíamos optado pelo sinônimo *gallineta*. Mas, isso foi antes de encontrarmos o texto crítico, que nos fez decidir definitivamente por *pintada*.

Quanto aos “gansos”, que recebem a mesma nomenclatura nas duas línguas trabalhadas – português e espanhol –, o comentário da escritora é que eles “perdem a voz, na comoção do espanto”/*pierden la voz en la conmoción del espanto*. No entanto, essa é uma característica contrária, uma vez que o ganso pode ser bastante escandaloso e ruidoso. Assim, até o homem/ganso perde a voz quando se depara com os gatunos/ladrões.

E, na sequência, temos ainda “os próprios cães de fila” (cachorro robusto, poderoso e caçador) que, contrariamente, “murcham os corpos de encontro aos muros, com o terror de serem percebidos”. Na tradução ao espanhol para “cães de fila”, a princípio, usamos *galgo*. Porém, verificando e comparando imagens, percebemos que o fila brasileiro se aproximava mais do *perro mastín*; inclusive encontramos a informação de que ele possivelmente contribuiu na formação da raça fila brasileiro. Outro detalhe importante é a de que ambos

⁷ “(I) Esta bella obra ha sido traducida elegantemente al español por el joven y conocido poeta D. Luis E. Caro, hijo del ilustre D. Miguel Antonio Caro” (Zuleta, Juan A. *Revista del Colegio del Rosario*, V. 6, N. 56, 1910. p. 372). Disponível em: <https://repository.urosario.edu.co/handle/10336/25806> Acesso em 16 nov. 2024.

eram usados para proteger e guardar os rebanhos, dessa forma, nossa escolha final foi por *perros mastines*.

Com relação à tradução do primeiro termo em destaque, que logo abaixo (no quadro 1) se repete no fragmento, a princípio “senhores gatunos” (sendo “gatuno” aquele que rouba ou furta) foi substituído simplesmente por *ladrones*, uma vez que “gatunos”, em espanhol (figura 1), não guarda o mesmo conjunto de significados:

Figura 1: *Gatuno* e os termos próximos

GATUNERO. m. *pr. And.* *El que vende carne de contrabando.*
GATUNO, NA. adj. *Lo que pertenece ó dice relación al gato.*
GATUNA. m. *Hierba medicinal y ramosa, como de un pié de alto, con las hojas de tres en rama, de dos á cuatro líneas de largo, aovadas y dentadas; los tallos ramosos, delgadas y dentadas.*

Fonte: (NTLLE⁸, *Academia Usual*, 1869, p. 383).

Não obstante, na tentativa de manter a simbologia animal/humano que a escritora utiliza, buscando verificar na língua de chegada que animal, com as mesmas atribuições – de ladrão – poderia substituir o gatuno, encontrou-se *rateros*, que em português – rateiro – se refere apenas ao “gato ou cão que caça ratos” (*Aulete digital*) e não está associado ao ladrão, mas, em espanhol, *ratero* é atribuído ao “ladrón que hurtá con maña y cautela cosas de poco valor”, além de ser “bajo, vil, despreciable” (*Diccionario de la Real Academia Española*, doravante RAE⁹). Sendo assim, ele possui todas as características necessárias ao animal que substituirá o “gatuno”. Ou seja, para manter o perfil comparativo de gatuno/ladrão, com os seus compreensíveis atributos, ao leitor da língua e cultura de chegada, foi necessário, conforme afirmam Cesco e Torres (2023), levar em conta a desterritorialização da literatura:

hablar de la movilidad de la literatura a través de las traducciones conduce naturalmente a hablar de la desterritorialización de la literatura, ya que un texto traducido es un texto que se conduce y se proyecta a otra cultura, para nuevos lectores para quienes el texto no fue concebido originalmente (Cesco; Torres, 2023, p. 56)

Nesse caso, podemos considerar que houve uma naturalização, pois para que se mantivesse o sentido impresso pela palavra “gatunos” no texto-fonte, substituiu-se o vocábulo por *rateros* no texto-alvo a fim de que este, embora não representando o mesmo animal, pudesse manter a ideia da cultura de partida. Reforçando assim, o que comenta Franco Aixelá (2013),

cada comunidade linguística ou comunidade linguística-nacional tem à sua disposição uma série de hábitos, julgamento de valores, sistemas de classificação, entre outros, que são às vezes muito diferentes e às vezes

⁸ *Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española.* Disponível em: <https://apps.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtlle?cmd=Lema&sec=1.2.0.0.0>. Acesso em 16 nov. 2024.

⁹ Disponível em: <https://dle.rae.es/ratero>. Acesso em 16 nov 2024.

parecidos. Dessa forma, as culturas criam um fator de variabilidade que o tradutor terá que levar em conta (Franco Aixelá, 2013, p. 187).

O mesmo acontece no fragmento a seguir (quadro 2), em que temos um provérbio. E nesse caso também será necessário encontrar uma expressão que represente a ideia contida no texto-fonte, uma vez que os provérbios fazem parte da tradição oral da humanidade, são constituídos de componentes culturais de um povo e, assim, exprimem um modo de pensar e de viver. Eles contêm julgamentos sobre comportamentos, refletem sentimentos e relacionam-se com a sociedade em que são escritos. A sua permanência no nosso espírito é conseguida através de uma certa configuração poética, ou seja, procurando a sonoridade, as oposições, os paralelismos, a brevidade, a elipse etc. (Cesco, 2011). O *Academia Autoridades* (in *NTLLE*), de 1737, o define como a frase incisiva e sentenciosa, que passa de uma pessoa a outra, e serve para moralizar o que é dito ou escrito.

Quadro 2: provérbio popular

Fazer dinheiro, não importa como nem com quê. Tudo o que cai na rede é peixe; leva-se assim de cambulhada regadores e leques de tartaruga, pulseiras e pás de lixo! (Almeida, 2016, p. 174, grifos nossos)	¡Hacer dinero, no importa cómo ni con qué. Ave que vuela, a la cazuela; se lleva así de forma caótica regaderas y abanicos de tortuga, pulseras y palas de basura!
---	---

Fonte: as autoras.

Nesse fragmento a autora comenta que absolutamente tudo serve aos ladrões, desde quinquilharias até o que há de mais valor, e não importa de que forma o furto acontece: “fazer dinheiro, não importa como nem com quê”. E termina usando o provérbio – que nesse caso é uma máxima inequívoca – “tudo o que cai na rede é peixe” – que pode ser encontrado, também, de forma mais abreviada, “caiu na rede é peixe”, ou ainda de forma negativa, “nem tudo o que cai na rede é peixe” –, que significa, com relação aos dois primeiros, que tudo serve, tudo vale, tudo pode ser aproveitado, sem exigência ou seletividade.

Na tradução, inicialmente, consultamos o fórum do *WordReference.com*¹⁰ (de outubro de 2024), no qual encontramos algumas possibilidades para o espanhol; na sequência, também verificamos a ocorrência delas em um buscador de internet, obtendo nas duas pesquisas os seguintes resultados: “Todo lo que cae en la red es pescado” (4 ocorrências); “Ave que vuela, a la cazuela” (4.460.000 ocorrências); “Del cerdo (se aprovechan) hasta los andares” (401.000 ocorrências); “Del cerdo, hasta los andares” (1.320.000 ocorrências); “Todo es bueno p’al convento” (2 ocorrências); “Todo es bueno para el convento” (546.000 ocorrências); “Si tiene barba, San Antón, y si no la Purísima Concepción” (13 ocorrências). Posteriormente, encontramos também “Todo lo que entra en la red es pescado” (2 ocorrências). As pesquisas nos mostraram uma tendência a escolher o provérbio “Ave que vuela, a la cazuela”.

No entanto, o que de fato nos fez decidir por ele foi, primeiro, por passar ao leitor da língua de chegada a mesma ideia do provérbio do texto-fonte: qualquer ave serve, tudo pode ser aproveitado, sem exigência ou seletividade, conforme já mencionado. Berman (2013, p.

¹⁰ Disponível em: <https://forum.wordreference.com/threads/caiu-na-rede-%C3%A9-peixe.4117011/?hl=pt>
Acesso em 05 out 2024.

93) afirma que o tradutor “deve pensar também no seu público, ou mais precisamente na legibilidade da sua tradução”. Segundo, pela proximidade no tamanho entre os dois provérbios e pela sonoridade envolvida principalmente em “v” – nos pares *ave/vuela* – e em “la” – nos pares *vuela a la cazuela*, porque, ainda segundo Berman (2013, p. 20), “é preciso também traduzir o seu ritmo, o seu comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliterações etc., pois um provérbio é uma forma”. E, terceiro, por termos encontrado no *Refranero multilingüe* do Centro Virtual Cervantes as seguintes informações: “Ideas clave: beneficio; Significado: se dice para afirmar que todo es aprovechable; Observaciones léxicas: cazuela es un recipiente utilizado para cocinar, antes era de barro y ahora suele utilizarse más de metal; Fuentes: fuente oral”¹¹.

Talvez nos dois últimos casos mencionados, da palavra “gatunos” e do provérbio, valha acrescentar o que também comenta Franco Aixelá (2013), quando se refere aos índices culturais específicos:

um ICE não existe por si só, mas como resultado de um conflito vindo de qualquer referência representada linguisticamente em um texto fonte que, quando transferido para a língua alvo, constitui um problema de tradução em virtude da inexistência ou do diferente valor (tanto determinado pela ideologia, uso, frequência, etc.) do item dado na cultura da língua alvo (Franco Aixelá, 2013, p.192)

Os diferentes valores encontrados em ambos os casos, fizeram com que a decisão tradutória fosse por uma substituição que mantivesse o sentido proposto na língua de partida, mas que teve de buscar na língua de chegada uma expressão – *Ave que vuelta, a la cazuela* – e uma palavra – *rateros* –, distintas do texto-fonte, para que a continuidade da ideia prevista no português ao espanhol pudesse ser assegurada na tradução.

Por fim, nos três últimos fragmentos aqui comentados (quadros 3, 4 e 5), trazemos como exemplo uma técnica estilística usada por Júlia Lopes de Almeida, muito provavelmente, para reforçar uma ideia, criar ênfase, evocar a memória, ou mesmo gerar ritmo à crônica: a “repetição” de palavras próximas. E nesse sentido, é preciso estar atento, na tradução, para não destruir as “redes significantes subjacentes” no texto (Berman, 2013).

Dessa forma, em uma primeira leitura, e na sua decorrente tradução, em que o olhar estava mais voltado para a compreensão da crônica, não percebemos muitas das repetições presentes no texto-fonte. Contudo, ao final, quando retornamos para realizar uma minuciosa revisão, comparando os textos-fonte e alvo, identificamos o apagamento de algumas repetições e a necessidade de retomá-las, com os devidos ajustes.

Quadro 3: repetição em “arrombamento” e “sombra”

Em Santa Teresa podem andar a passo, ir de um arrombamento a outro arrombamento sem sustos, nem precipitações, na doce certeza de que não esbarrarão no caminho nem sequer com a sombra de uma sombra de polícia... (Almeida, 2016, p. 173, grifos nossos)	En Santa Teresa pueden caminar a paso ligero, yendo de un allanamiento a otro allanamiento de morada sin sustos ni apuros, con la dulce convicción de que no se toparán por el camino ni siquiera con la sombra de una sombra de un policía...
---	--

Fonte: as autoras.

¹¹ Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/lengua/refranero/Ficha.aspx?Par=58261&Lng=0> Acesso em 17 nov. 2024.

No fragmento do quadro 3, o par de “arrombamento” acabou sendo traduzido/substituído, primeiramente, por *robo* e *hurto*. Não obstante, em consulta ao *WordReference.com*, versão bilíngue (português-espanhol), verificou-se a existência do termo *allanamiento*, o que nos levou a consultar o dicionário da RAE. Ali o termo possuía várias entradas, mas apenas uma se aplicava ao texto-fonte: Am. *Registro policial de un domicilio*. Porém, como o termo é usado na América, verificamos, após as entradas principais, que aparecia a expressão *allanamiento de morada* (termo do Direito), referindo-se ao *delito que comete quien, sin habitar en ella, entra o se mantiene en morada ajena contra la voluntad de su ocupante*¹². Assim, para que a pronúncia não ficasse muito truncada no texto-alvo, em espanhol, optamos por acrescentar *de morada* apenas na repetição do segundo termo, o que deu a ele mais sonoridade.

Com relação à palavra sombra, no texto-alvo, houve, a princípio, um apagamento e não uma substituição – *ni siquiera con la sombra de un policía* –, que foi remediada na revisão, com a manutenção da repetição.

Quadro 4: repetição em “ouviu”

Os homens, mal adormecem, são logo despertados pela família, que ouviu passos nas areias do jardim ou ouviu bulir nas telhas do telhado... (Almeida, 2016, p. 175, grifos nossos)	Los hombres, tan pronto se duermen, son inmediatamente despertados por la familia, que ha escuchado pasos en las arenas del jardín o ha escuchado el traqueteo de las tejas del tejado...
---	---

Fonte: as autoras.

No fragmento do quadro 4 deu-se algo parecido ao exemplo anterior. Inicialmente usamos *ha oido* e *escuchó*, respectivamente. No entanto, entre os verbos *oír* e *escuchar*, preferimos a sonoridade do segundo, utilizando o *pretérito perfecto compuesto* (*ha escuchado*) no lugar do *pretérito perfecto simple* (*escuchó*), uma vez que ele rima com *despertados* e *tejado*.

Quadro 5: repetição em “pena”

Ainda está para nascer o nosso Sherlock Holmes e é pena . É pena , porque ele teria agora excelente ocasião de provar as suas habilidades. (Almeida, 2016, p. 175, grifos nossos)	Todavía no ha nacido nuestro Sherlock Holmes, y es una lástima . Una lástima , porque ahora tendría una excelente oportunidad para demostrar sus habilidades.
---	---

Fonte: as autoras.

Ainda sobre as repetições, percebe-se também, no quadro 5, mais uma ocorrência, a autora faz uso da palavra “pena” seguidamente: “Ainda está para nascer o nosso Sherlock Holmes e **é pena**. **É pena**, porque ele teria agora excelente ocasião [...].” Num primeiro momento mantivemos no espanhol o vocábulo *pena* que, segundo o dicionário da RAE, em sua primeira entrada significa *sentimiento grande de tristeza*, porém, mudamos de opinião ao

¹² Disponível em <https://dle.rae.es/allanamiento?m=form> Acesso em 17 nov 2024.

pensar que não seria “tristeza” o que se pretendia demonstrar, mas algo mais próximo a uma lamentação, dessa forma, optamos por *lástima*, que além de significar *quejido, lamento*, também pode ser utilizado como uma interjeição para expressar *pesar ante algo que no sucede como se esperaba*.

O que se observa diante das escolhas comentadas nos cinco fragmentos é que houve uma mescla entre exotização e naturalização; em alguns momentos optou-se por manter os termos como na cultura de partida – no caso dos topônimos –, e em outros foi necessário realizar substituições – como no caso do provérbio ou do gatuno/*ratero* – que, na nossa opinião, facilitam a compreensão dos leitores da língua de chegada, mas não prejudicam o sentido proposto pelo texto-fonte. Percebe-se também a importância da manutenção dos recursos estilísticos, como nos episódios das repetições, que ampliam e corroboram com a provável pretensão da autora – uma vez que não estão ali à toa – de criar uma cadência sonora que não pode ser cortada ou interrompida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Júlia Lopes de Almeida contribuiu para a visibilidade feminina na literatura e nas discussões sociais e políticas de sua época. Foi, inegavelmente, uma das principais vozes femininas no Brasil da Primeira República, e sua obra ajudou a abrir caminho para a emancipação feminina no campo intelectual e artístico, inspirando gerações futuras de escritoras brasileiras.

Reconhecer essa contribuição no campo literário e jornalístico já seria motivo para escolher algum de seus escritos para estudar e traduzir, mas, neste caso, a crônica selecionada apresentava desafios de tradução que exigiam pensar sobre qual seria a melhor estratégia tradutória a ser utilizada, o que possibilitou desenvolver as considerações expostas anteriormente.

A tradução desse tipo de texto, marcado por influências temporais e espaciais, faz com que o tradutor necessite realizar certas escolhas baseadas, não só em questões ideológicas, mas também no que o texto-fonte representa para a língua de partida.

Assim, frente à diferença trazida pelo outro, com toda uma série de sinais culturais capazes de negar e/ou questionar nosso próprio estilo de vida, a tradução possibilita à sociedade receptora uma ampla variedade de estratégias, variando da conservação (aceitação da diferença por meio da reprodução dos sinais culturais no texto fonte), à naturalização (transformação do outro em uma réplica cultural) (Franco Aixelá, 2013, p. 188).

Dessa forma, destaca-se que essas escolhas podem variar, não sendo apenas exotizadoras, nem totalmente naturalizantes, mas, tornando-se uma mescla das duas estratégias, mantendo assim, um compromisso entre naturalização e exotização. Esse comprometimento pode ser visto na proposta tradutória apresentada, por meio da qual, ora se assegura a manutenção no texto-alvo de vocábulos pertencentes ao texto-fonte, como os topônimos, com a intenção de fazer com que o leitor tivesse contato com essas informações e compreendesse que se tratava de um contexto específico, uma cidade do sudeste brasileiro. Ora se substituem expressões e/ou palavras, que precisavam fazer sentido no contexto de chegada, mesmo não sendo similares em ambas as línguas, como foi o caso do provérbio “Tudo que cai na rede é peixe”.

A possibilidade que nos dá a tradução comentada que “além de partir do exercício da tradução em si, trabalha com a crítica e a história da tradução e promove uma autoanálise por parte do tradutor-pesquisador acerca da tradução na sua relação com o comentário” (Torres, 2017, p. 15) demonstra como é possível refletir sobre os processos tradutórios e apresentar alternativas para um texto-alvo que tentam preservar questões culturais, mas que também, buscam soluções para problemas de compreensão na língua de chegada. Assim, com essas reflexões procuramos socializar a experiência de tradução – do português ao espanhol – de uma crônica de Júlia Lopes de Almeida, justificada pela relevância da escritora e da sua obra, buscando preservar a sua riqueza estética e estabelecendo, dessa forma, um contato entre as duas línguas e as duas culturas para quiçá incentivar mais estudos sobre seus textos nessa área.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlia Lopes. *Dois dedos de prosa. O cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Organização de Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro. Cadernos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

ANAYA FERREIRA, Nair María; CESCO, Andréa; BEZERRA, Mara Gonzalez. A tradução e o outro. O ato (invisível) de traduzir e os processos de colonização. *Mutatis Mutandis. Traducción, género e identidad*. Vol. 8, n. 2. 2015, p. 579-591.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução: a teoria na prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2017.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. 2.ed. Tradução de Marie Hélène C. Torres; Mauri Furlan; Andréia Guerini. Florianópolis: Copiart, 2013 [1985].

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (et. al.). *Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: do romantismo ao simbolismo*. 6. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1976.

CESCO, Andréa; TORRES, Marie-Hélène Catherine. El proceso de exotización en la traducción literaria. In MONTEIRO, Wagner (orgs.). *Desafios e perspectivas da Tradução literária no século XXI*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 49-64.

CESCO, Andréa. La enseñanza de refranes en el español como lengua extranjera. In: *Moara*, n. 36, Estudos Linguísticos, 2011. p. 211-221. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1112> Acesso em 17 nov 2024.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Vol. 4, Parte II - Era realista. 7. ed. Codireção Eduardo de Faria Coutinho. São Paulo: Global, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Vol. 6, Parte III - Relações e Perspectivas. Codireção Eduardo de Faria Coutinho. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

DE LUCA, Leonora. O feminismo possível de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). In *cadernos pagu* (12) 1999. p. 275-299. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634918/2808> Acesso em 10 nov. 2024.

FAEDRICH, Anna; STASIO, Angela di. Júlia Lopes de Almeida e a crônica carioca. In Almeida, Júlia Lopes de. *Dois dedos de prosa: o cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Organização de Angela di Stasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro. Cadernos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016.

FANINI, Michele Asmar. As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. *História*, v. 29, n. 1, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742010000100020> Acesso em: 08 nov. 2024.

FRANCO AIXELÁ, Javier. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. *In-Tradições*, Florianópolis, v.5, n.8, 2013. p. 185-218. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/2119/2996>. Acesso em 10 nov. 2024

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, Florianópolis, jan.-jun., 2003, p. 225-233.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1908?]. Biblioteca Brasiliiana Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://digital.bbbm.usp.br/handle/bbbm/1977>. Acesso em: 03 nov. 2024.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. A escritora / os críticos / a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira. TESE. Curso de Pós-Graduação em Letras - Literatura Brasileira. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005. 231p. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/81773> Acesso em 10 nov. 2024.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de tradução (1813). In: Heidermann, Werner (org.). *Antologia Bilíngue. Clássicos da Teoria da Tradução*. Tradução de Celso R. Braida. Vol. 1. Alemão-Português. 2ª ed. revisada e ampliada. Florianópolis (SC), UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. p. 37-100. Disponível em: <https://ppget.posgrad.ufsc.br/biblioteca-da-pget/> Acesso em 15 nov. 2024.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: DE FREITAS, Luana Ferreira; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos, (Orgs.). *Literatura traduzida: tradução comentada e comentários de tradução*. Fortaleza: Substânsia, 2017. 242 p. Coleção TransLetras; v. 2.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*. Tradução de Germana Henriques Pereira de Sousa, Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes e Aída Carla Rangel de Sousa. Vol. 2. Tubarão e Florianópolis: Copiart e PGET/UFSC, 2014.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. *Palavra*. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro: PUC-Rio, v. 3, p.111-134, 1995[1986].

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002[1998].

ANEXO (texto-fonte e texto traduzido ao espanhol)

Almeida, Júlia Lopes. Dois dedos de prosa. *O cotidiano carioca por Júlia Lopes de Almeida*. Organização de Angela diStasio, Anna Faedrich e Marcus Venicio Ribeiro (org.). Cadernos da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2016. p. 173-178.

<p>As cidades europeias têm as suas estações bem definidas: a estação das flores, a do cair da neve, a do cair das folhas e das frutas. Nós, bem acentuadas, no Rio de Janeiro, só temos duas: a dos teatros e a dos ladrões. A bem dizer, esta dura todo o ano, mas tem a sua maior intensidade nos meses de calor e das janelas abertas. Em fevereiro e março ela floresce exuberantemente em Santa Teresa. Pelo menos, tem sido assim nos últimos anos.</p> <p>Os senhores gatunos não são tolos; procuram na quadra mais asfixiante o ar fresco da montanha para poderem operar à vontade. Depois isto: além de respirarem ar mais leve, não precisam correr. O esforço da corrida no verão prejudica os organismos mais sãos, eles sabem disso e pouparam-se. Em Santa Teresa podem andar a passo, ir de um arrombamento a outro arrombamento sem sustos, nem precipitações, na certeza de que não esbarrarão no caminho nem sequer com a sombra de uma sombra de polícia...</p> <p>Pelas imediações do Carnaval, antes, a fim de arranjar dinheiro para as</p>	<p>Las ciudades europeas tienen sus estaciones bien definidas: la estación de las flores, la estación de la nieve, la estación de las hojas y de las frutas. Nosotros, muy marcadas, en Rio de Janeiro, sólo tenemos dos: la de los teatros y la de los ladrones. Esta última, de hecho, dura todo el año, pero alcanza su máxima intensidad durante los meses más cálidos y cuando las ventanas están abiertas. En febrero y marzo ella florece exuberantemente en Santa Teresa. Al menos así ha sido en los últimos años.</p> <p>Los señores rateros no son tontos; buscan en la manzana más agobiante el aire fresco de la montaña para poder operar a gusto. Después eso: además de respirar un aire más ligero, no tienen que correr. El esfuerzo de correr en verano perjudica a sus organismos más sanos, ellos lo saben y se ahorran la molestia. En Santa Teresa pueden caminar a paso ligero, yendo de un allanamiento a otro allanamiento de morada sin sustos ni apuros, con la dulce convicción de que no se toparán por el camino ni siquiera con la sombra de una sombra de un policía...</p> <p>Por los alrededores del Carnaval, antes, para recaudar dinero para las</p>
---	---

folganças; depois, para equilibrarem os seus orçamentos desfalcados, os senhores gatunos redobram de atividade. Os galinheiros tremem. Não há Chantecler capaz de defender sua amada faisã ou pintade das garras sujas desses patifes. Os gansos perdem a voz, na comoção do espanto, e os próprios cães de fila murcham os corpos de encontro aos muros, com o terror de serem percebidos. Tudo serve aos ladrões, desde a rodilha de lavar panelas, esquecida pela cozinheira no coradouro ou na borda do tanque, até o relógio de ouro do proprietário da casa em cujo quarto de dormir penetram com inacreditável desfaçatez! Fazer dinheiro, não importa como nem com quê. Tudo o que cai na rede é peixe; leva-se assim de cambulhada regadores e leques de tartaruga, pulseiras e pás de lixo!

Os moradores de Santa Teresa estão, portanto, agora na época dos sobressaltos, que corresponde, nas cidades europeias, à estação das violetas. Ninguém se deita sem examinar todos os cantos da casa e muito especialmente a parte do assoalho que lhe fique embaixo da cama. As cestas das roupas para a lavadeira são esquadinhadas, como se procurassem nelas agulhas e alfinetes em vez de homens armados de lanternas e de pés de cabra! Não, que há sujeitinhos tão magros... Vão de escadas, armários de livros, de louças ou de vestidos, tudo é visto, não uma, mas duas, três vezes, já depois das portas fechadas e trancadas, por precaução.

As crianças vão-se deitar com medo. Os homens, mal adormecem, são logo despertados pela família, que ouviu passos nas areias do jardim ou ouviu bulir nas telhas do telhado... Eles resmungam, que não façam caso; devem ser as gambás.

As senhoras afirmam que a bulha não podia ser confundida com a que fazem as gambás e insistem por uns tirozinhos na

holgazanerías; después, para equilibrar sus mermados presupuestos, los señores rateros redoblan de actividad. Los gallineros tiemblan. No hay Chantecler capaz de defender a su querida faisana o pintada de las garras sucias de estos canallas. Los gansos pierden la voz en la conmoción del espanto, y los propios perros mastines se marchitan los cuerpos contra los muros, aterrorizados de seren entrevistados. ¡Todo sirve a los ladrones, desde el trapo de lavar cacerolas, olvidado por la cocinera en el desagüe o en el borde del lavadero, hasta el reloj de oro del dueño de la casa en cuyo dormitorio penetran con increíble desfachatez! ¡Hacer dinero, no importa cómo ni con qué. Ave que vuela, a la cazuela; se lleva así de forma caótica regaderas y abanicos de tortuga, pulseras y palas de basura!

Los habitantes de Santa Teresa están, por lo tanto, ahora en la época de los sobresaltos, que corresponde, en las ciudades europeas, a la estación de las violetas. Nadie se va a la cama sin escudriñar cada rincón de la casa, especialmente la parte del entarimado o bajo la cama. Se escrutan los cestos de la ropa para la lavandera, como si se buscaran en ellos agujas y alfileres en lugar de hombres armados con lanternas y palancas de pata de cabra. No que haya tipos tan delgados... Los huecos de las escaleras, armarios de libros, de vajillas o de vestidos, todo se mira, no una, sino dos, tres veces, incluso después de haber cerrado y atrancado las puertas, por si acaso.

Los niños se acuestan asustados. Los hombres, tan pronto se duermen, son inmediatamente despertados por la familia, que ha escuchado pasos en las arenas del jardín o ha escuchado el traqueteo de las tejas del tejado... Ellos refunfuñan diciendo que no hagan caso; deben ser las zarigüeyas.

Las señoras dicen que la bulla no

janela...

Às vezes são as gambás que também andam alvoroçadas por este tempo; outras vezes não são elas, são eles, que disfarçam na sombra o vulto dos seus corpos, esperam com paciência verdadeiramente evangélica que esse pessoal aterrorizado adormeça, para então entrarem-lhe em casa por um buraco da fechadura ou por uma régua da veneziana.

Ainda está para nascer o nosso Sherlock Holmes e é pena. É pena, porque ele teria agora excelente ocasião de provar as suas habilidades. Prestando um pouco de atenção aos noticiários dos jornais tem me parecido perceber que as quadrilhas de ladrões no Rio de Janeiro obedecem a um itinerário, estabelecido por ordem de bairros.

Após as queixas dos moradores de Santa Teresa, começam as do Estácio de Sá, Engenho Velho, etc. Para desorientar a polícia, como se ela precisasse disso, há de vez em quando um caso isolado, aqui ou além, de furto ou de arrombamento, com a intenção de chamar para pontos dispersos a atenção dos senhores guardas. E enquanto os senhores guardas se dirigem para aqueles lados, indagando da vizinhança o que houve, o que há ou o que haverá, os senhores ladrões, mais à vontade, trabalharão do seu lado.

Não há, para a gente se interessar por essas coisas, como já ter sido vítima delas, pelo menos nuns quatro carnavais consecutivos, como uma certa família minha conhecida!

Mas deixemos os ladrões na sua lida, já que é preciso que todos vivam e eles, coitados, talvez não saibam fazer mais nada – e lamentemos em coro o fechamento de mais uma escola pelo sr. prefeito.

É a segunda; e se a sua supressão foi aconselhada como medida de economia,

puede confundirse con la que hacen las zarigüeyas e insisten por unos disparocitos a la ventana...

A veces son las zarigüeyas las que también se alborotan en estos tiempos; otras veces no son ellas, sino ellos, los que disimulan la silueta de sus cuerpos entre las sombras, esperan con paciencia verdaderamente evangélica a que estas personas aterrorizadas se duerman, y entonces entran en sus casas por el ojo de una cerradura o por una grieta de la ventana.

Todavía no ha nacido nuestro Sherlock Holmes, y es una lástima. Una lástima, porque ahora tendría una excelente oportunidad para demostrar sus habilidades. Prestando un poco de atención a las noticias de los periódicos, me he dado cuenta de que las bandas de ladrones en el Rio de Janeiro siguen un itinerario, establecido por orden de barrios.

Después de las denuncias de los vecinos de Santa Teresa, empiezan las de Estácio de Sá, Engenho Velho, etc. Para desorientar a la policía, como si lo necesitaran, de vez en cuando se produce un caso aislado, aquí o allá, de robo o allanamiento de morada, con la intención de llamar la atención de los guardias hacia puntos dispersos. Y mientras los señores guardias se dirigen a esas direcciones, preguntando al vecindario qué ha pasado, qué está pasando o qué va a pasar, los señores ladrones, a gusto, por su lado, trabajarán.

No se puede estar interesado en estas cosas sin haber sido víctima de ellas, al menos cuatro carnavales seguidos, ¡cómo cierta familia conocida mía!

Pero dejemos a los ladrones con su trabajo, ya que es necesario que todos vivan y ellos, pobrecitos, a lo mejor no saben hacer otra cosa - y lamentemos a coro el cierre de otra escuela más por el Sr. Alcalde.

Es la segunda; y si se ha aconsejado

não tardará a ser fechada a terceira, a quarta e assim por diante.

Ora, se há num país de analfabetos, como ainda é o nosso, despesas que se não devem suprimir, são as despesas feitas com a instrução popular. É melhor pôr livros nas mãos das crianças e dos adultos e elucidá-los por meio de mestras bem educadas, do que ter de sustentá-los mais tarde em correções e em hospícios, ou sofrer vexames por atos de que só a sua ignorância é culpada. A primeira escola agora suprimida foi a escola ao ar livre, do que tive tanto mais pena quanto vaidosamente a supus sugerida por mim. Exatamente por considerar como benefício à saúde e ao espírito das crianças o estudo feito à sombra das árvores, em pleno coração da natureza, tenho de há muito, na seção do *Correio da Roça*, desrito aqui com entusiasmo uma escola de fazenda (e oxalá que o exemplo se propagasse entre elas!) em que a criançada aprende a ler num bosque de jabuticabeiras.

A minha escola ao ar livre, de uma suposta propriedade agrícola, teve o condão de me fazer simpatizar com esta de Copacabana, fundada pelo sr. dr. Serzedelo Correia.

Tinha fé em que ela progredisse e desse excelentes frutos. Mas a pobre nem teve tempo para a floração. Deceparam-na e, atrás dela, já caiu outra escola. Queira Deus que fiquemos nisto!...

É de supor que fiquemos, mesmo porque de todos os jornais se levantou um

su supresión como medida económica, no tardarán en suprimirse la tercera, la cuarta, etc.

Ahora bien, si hay un país de analfabetos, como todavía lo es el nuestro, el gasto que no debe suprimirse es el de la educación popular. Es mejor poner libros en manos de niños y adultos e iluminarlos por medio de maestras bien instruidas, que tener que mantenerlos después en correccionales y hospicios, o sufrir vejaciones por actos de los que sólo es culpable su ignorancia. La primera escuela ahora abolida fue la escuela al aire libre, lo que lamenté tanto más cuanto supuse vanidosamente que yo la había sugerido. Precisamente porque considero que estudiar a la sombra de los árboles, en plena naturaleza, es beneficioso para la salud y el espíritu de los niños, desde hace tiempo, describo aquí con entusiasmo, en la sección *Correio da Roça*, una escuela rural (y ojalá que se propague el ejemplo entre ellas!) donde los niños aprenden a leer en un bosquecillo de árboles de jabuticaba.

Mi escuela al aire libre, de una supuesta propiedad agrícola, tuvo el efecto de hacerme simpatizar con esta de Copacabana, fundada por el Sr. Dr. Serzedelo Correia¹³.

Tenía fe que ella progresara y diera excelentes frutos. Pero la pobre ni siquiera tuvo tiempo para la floración. La destruyeron y detrás de ella ya ha caído otra escuela. ¡Qué Dios nos guarde de eso!

¹³ (1858-1932) Político y militar brasileño. Fue nombrado alcalde del Distrito Federal - Río de Janeiro - por el presidente Nilo Peçanha (1909-1910) y realizó mejoras en varios barrios de la periferia, renovó los jardines de la Quinta da Boa Vista y el Teatro Municipal, y construyó la plaza Floriano Peixoto. Creó el Servicio Sanitario de Instrucción Pública, la Escuela Dramática y la Escuela Nilo Peçanha, e ideó el teleférico del Pão de Açúcar. Nacionalista, fue uno de los representantes de la corriente de pensamiento industrialista de finales del siglo XIX y defendió un proyecto de desarrollo basado en la combinación del estímulo a la agricultura y a la industria mediante una política proteccionista. Publicó obras como *O rio Acre* (1899) y *O problema económico do Brasil* (1903) y fue miembro correspondiente del Instituto Histórico y Geográfico Brasileño (IHGB). Era conocido por sus contemporáneos como el “Centinela Vigilante de la República” (Por Daniela Hoffbauer, mayo de 2020. Arquivo Nacional - Ministerio da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos). Disponible en: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/79-producao/70-biografias/920-inocencio-serzedelo-correia> Consultado en: 17 nov. 2024.

enxame de protestos, alguns francos e outros disfarçados, acerca deste caso inesperado e estranho. O mal de deficiência de escolas não é só nosso. É do Brasil inteiro. Agora mesmo acabo de ler um artigo da professora Edwiges de Sá Pereira, publicado no *Jornal Pequeno*, de Pernambuco, em que essa senhora lembra o alvitre de se reunirem na Capital Federal, todos os anos, em um certo prazo, delegados das escolas normais estaduais, com o fim de, observando os nossos progressos escolares, poderem imitá-los nas escolas públicas das suas respectivas terras.

Para que essas reuniões fossem realmente proveitosas, não seria preciso que o quadro geral das nossas escolas primárias não deixasse nada a desejar? Estamos constantemente a ouvir falar em programas, mobiliários escolares modernos, reformas, etc., etc., para depois dizerem os jornais que em colégios municipais do próprio Distrito Federal há crianças que se sentam em caixotes de vendas, por falta de bancos, e professoras clamando em vão por livros e por mapas!

Virgem Nossa Senhora, como as coisas simples são complicadas!

—

Os tempos passam e o morro de Santo Antônio continua no mesmo estado dúbio e triste de expectativa e de incerteza.

Es de esperar que realmente nos guarde, mismo porque de todos los periódicos se han levantado un enjambre de protestas, algunas francas y otras disimuladas, sobre este inesperado y raro caso. La escasez de escuelas no es sólo nuestra. Es de todo el Brasil. Ahora mismo acabo de leer un artículo de la profesora Edwiges de Sá Pereira¹⁴, publicado en el *Jornal Pequeno*, de Pernambuco, en que esa señora recuerda la sugerencia de que delegados de las escuelas normales estaduales se reúnan en la Capital Federal todos los años, en un cierto plazo, para que, observando nuestros progresos escolares, puedan imitarlos en las escuelas públicas de sus respectivas tierras.

Para que esas reuniones fueran realmente provechosas, ¿no sería necesario que el panorama general de nuestras escuelas primarias cumpliera con las expectativas? Constantemente oímos hablar de programas, de mobiliarios escolares modernos, de remodelaciones, etc., etc., ¡para luego los periódicos informaren que en escuelas municipales del propio Distrito Federal hay niños sentados en cajones, por falta de banquetas, y maestras clamando en vano por libros y mapas!

Virgen María, ¡cómo las cosas sencillas son complicadas!

—

Pasan los tiempos y el Morro de Santo Antônio permanece en el mismo

¹⁴ (1884-1958) Poeta, cronista, ensayista, crítica, oradora, catedrática, educadora, periodista, miembro de la Academia Pernambucana de Letras. Fue maestra de enseñanza primaria y profesora en la Escuela Normal, enseñando Práctica Didáctica y Pedagogía. Preceptora de Portugués en el Curso Comercial en el Colegio Eucarístico. Fue profesora de Historia General y de Brasil en el Instituto Nossa Senhora do Carmo y superintendente de enseñanza en grupos escolares de Recife. Además de educadora, fue pionera en la lucha por los derechos de la mujer. A finales del siglo XIX y principios del XX, luchó por la conquista de la emancipación femenina, tanto a través de sus escritos y conferencias como con actitudes prácticas. En aquella época, ya escribía textos a favor del divorcio. Para ella, ninguna mujer estaba obligada a vivir con un hombre con el que no se llevaba bien. Por iniciativa suya, se fundó la Federación Pernambucana para el Progreso de la Mujer y fue una de las líderes de la campaña por el sufragio femenino en Brasil. Publicó los libros *Campesinas*, *Horas inúteis*, *Jóia Turca*, *Eva Militante* y *A influência da mulher na educação pacifista do após-guerra* (De Lúcia Gaspar. Edwiges de Sá Pereira. In: *Pesquisa Escolar*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2004). Disponible en: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/edwiges-de-sa-pereira/>. Consultado en: 17 nov. 2024.

A estrada para Petrópolis, certamente muito linda e de grande conforto, fez encolher-se a face larga e barrenta do desgraçado, em um quase imperceptível ricto de ironia. Até a floresta ia, ou vai ter, o seu largo sulco de civilização e de claridades no imenso corredor que une o ardente Rio à casta e linda Petrópolis! Só ele, o mísero, assistirá, sujo e trevoso, inculto e selvagem, à alegria e à limpeza dos outros que o cercam por todos os lados, bem no centro da capital, sem poder nem ao menos lavar o rosto, visto que, por mais que exclame, e grite e chore, nem lhe dão água...

Mas, como não é só a água que lhe falta, mas tudo, será mesmo preferível não lhe darem coisa nenhuma!

24 de janeiro de 1911

dudoso y triste estado de expectativa y de incertidumbre. El camino a Petrópolis, certamente muy bello y de gran comodidad, hizo que el rostro ancho y embarrado del desdichado se contrajera en un casi imperceptible rito de ironía. ¡Hasta la selva iba, o va a tener, su ancho surco de civilización y de claridades en el inmenso corredor que une el ardiente Rio a la casta y bella Petrópolis! Sólo él, el miserable, verá, sucio y tenebroso, inculto y salvaje, a la alegría y a la limpieza de los otros que le rodean por todos lados, en pleno centro de la capital, sin poder siquiera lavarse la cara, puesto que por mucho que exclame y grite y llore, ni siquiera le dan agua...

Pero como no es sólo el agua lo que le falta, sino todo, ¡sería mejor no darle nada!

24 de enero de 1911